

aquilo que conservaram da sua velha civilização e aquilo que aceitaram da nossa. O Oriente, detentor de velhas civilizações milenárias, fará o mesmo: aceitará apenas o que lhe convier.

Podemos ver também como velhas civilizações que não puderam ou não souberam adaptar-se na luta pela vida desapareceram. Mas sôbre as suas ruínas levantaram-se novas civilizações que aproveitaram parte das velhas culturas que tombaram.

Concluindo, recomendamos vivamente o presente livro, principalmente à atenção e à meditação dos nossos jovens estudantes que assim verão as raízes de fatos que são da História dos nossos dias e que êles poderão ver ainda em plena frutificação no futuro.

E. SIMÕES DE PAULA

*

CHAUNU (Huguette e Pierre). — *Séville et l'Atlantique* (1504-1650). Tomos I, II e III. 1955. in 8.º, XV+322+603+572 pp. 12. cartas.

“Ce n'est pas sans fierté, — escreve Lucien Febvre no início do livro que traz o título de *Séville et l'Atlantique* — que je vais signer ces deux mots de Préface et inscrire mon nom sur l'amas prodigieux de richesses que, successeurs pacifiques et désintéressés des *Conquistadores*, nous rapportent des Indes fabuleuses Pierre et Huguette Chaunu, auteurs indissolubles et, si je puis dire, en exauçant leur vœu, auteurs indiscernibles d'un classique de l'Histoire. L'honneur est grand pour moi, l'honneur est rare: si peu de nos livres sont assurés, avant même d'avoir fait leurs premiers pas dans le monde, de pouvoir braver le temps! Mais les neuf volumes de *Séville et l'Atlantique*, fruit d'un labeur aussi heureux qu'acharné, sont assis maintenant dans la certitude. Ils dureront tant qu'il y aura sur terre des amants de la vie assez passionnés pour que leur existence propre et celle de leurs contemporains immédiats ne suffise pas à étancher leur soif de l'homme et de ses oeuvres. Il leur faut le recul des générations et, comme disait cet autre, la légende des siècles: mais une légende vraie”.

Uma tal apresentação, pelo mestre da historiografia francesa dos nossos dias, tira-nos as palavras que poderiam servir-nos para dizer os nossos sentimentos diante do pedido que nos fez Pierre Chaunu para assinalar seu livro aos amigos da *Revista de História* e do Brasil. Dizemos amigos não somente pela nossa afeição aos colegas de São Paulo, acrescida por seis anos de “saudades”, mas também pela amizade que soube criar em tôrno de si, tanto pelo livro como pelos contactos pessoais, um trabalhador feliz que o sucesso concedido aos grandes talentos deixou jovem e sem preconceitos.

Uma das mais agradáveis características do nosso sistema universitário francês é aquela que dá a numerosos de seus professores, na idade em que êstes começam sua carreira e se casam, a recompensa, e o encorajamento de suas belas viagens ao estrangeiro. Acontece também ser êle “feliz” no mesmo sentido em que se dizia

que Villars era um general feliz. Para êles, o maior favor da Fortuna é a descoberta, em algum arquivo explorado, de um fundo prestigioso sôbre o qual construir não sômente uma tese e um destino acadêmico, mas uma vida.

Huguette e Pierre tiveram também essa felicidade. O fundo era, em verdade, bastante conhecido: era aquêle dos arquivos da *Casa de la Contratación* de Sevilha, atualmente recolhido, perto da antiga *Casa de la Contratación no Archivo General de Indias*. Bem conhecido, porque é monumental: 30.000 maços de 1.000 a 2.000 fôlhas cada um. Mas, precisamente, muito monumental para os historiadores modernos, que se contentaram em tirar dêle estudos mais ou menos fragmentários, e se apoiaram sôbre velhos livros, como o *Cedulario indiano* de Encinas (1596), o *Norte de la Contratación* de Veitia Linaje (1572) e a *Recopilación de Leyes de las Indias* (1681). Um especialista Ramon Carande, autor do *Carlos V y sus banqueros* (1943), chegou a declarar ser impossível o estudo do movimento do pôrto de Sevilha no século XVI, segundo os arquivos da *Casa de Contratación*. A massa de documentos era enorme: era necessário uma chave. Ora, essa chave existia num repertório, os *Libros de Registros* (“*son las naos que fueron y volvieron de America*”). Um precursor de Chaunu, aquêle em que êste vê a fonte de inspiração de seus estudos, Clarence H. Haring, autor justamente de um livro célebre, *Trade and navigation between Spain and Indies in the Time of the Habsbourgs* (Cambridge, Mass., 1918, tradução espanhola, 1939), os tinha conhecido, citado e muito pouco utilizado, sem distinguir, parece, o seu caráter e o valor. Os Chaunu acharam aí o Sésamo de que tinham necessidade. Graças a êsse repertório êles puderam se orientar sôbre o *mare magnum* dos arquivos da *Casa de Contratación*. Mas havia necessidade de muito esforço, uma lucidez resistente à monotonia dum longo trabalho e, igualmente, essa imaginação construtora sempre desperta, que é um dos dons necessários ao historiador.

Seja-nos permitido dizer, sem ir além da heurística, a nossa admiração ante êsse trabalho preliminar, executado por Huguette e Pierre Chaunu. Conheçemos um estádio que êles já passaram. Instala-se, com a mulher ao lado — se se tem essa felicidade — em algum arquivo, como o do Vaticano ou outro qualquer. Examina-se lentamente um registro, depois os textos interessantes encontrados, copia-se, e deixa-se o arquivo tendo na cabeça um assunto que toma corpo, com tôdas as minúcias admitidas mas também com tôdas as informações “inúteis” e rejeitadas após a sua leitura. E’ necessário naturalmente muito tempo. Assim os jovens de há trinta ou mais anos, eram tentados pelas facilidades proporcionadas pelos microfímes, cujo uso então começava. Orgulhosos da sua *Leica*, alguns cediam à tentação. Convencidos pela possibilidade da velocidade, desistiam logo de ler as peças que iriam fotografar, fazendo funcionar o botão de seu aparelho sôbre todo o registro, e trazendo duma estadia efetivamente abreviada, caixas cheias de filmes, mas sem nada na cabeça, reservando-se para trabalhar mais tarde, sôbre as suas preciosas fitas. Quando se lançavam ao trabalho, ao azar duma vida que tinha outras obrigações, não encontravam mais a sua atmosfera, se se encontrassem diante de filmes inutilizáveis. A época de hoje, que sabe melhor manejar seus aparelhos, inventou o tra-

balho por equipes. Sobre isso os “velhos” são mais que reticentes. Um deles, o grande economista Luigi Einaudi, que foi presidente da República Italiana, explica no seu prefácio à bela publicação dos *Libri degli Alberti*, de Armando Saponi (1952). Saponi dedicou o livro à filha que o tinha auxiliado no seu preparo. “Mulher e filha, escreveu Luigi Einaudi, formam uma só pessoa com o criador da obra; seu concurso não pode ser comparado àquêles que gozam os membros das *equipes* ou dos *teams*, a quem se deve uma tão grande parte do trabalho científico contemporâneo. Talvez o trabalho coletivo seja necessário. No mundo das ciências morais e históricas, nos seja permitido repetir o que o exemplo de Saponi afirma tácitamente: eu desconfio. Não é suficiente escrever pessoalmente uma obra douta e sóbria, e daí o perfeito e penetrante prefácio aos registros; importa escrever e transcrever o texto com as suas próprias mãos, reler e classificar duas e três vezes, e mais ainda com sua filha... Desconfio das cópias, e das conferências feitas por um organismo provido de meios, de assistentes e de chefes e equipe...; eu tenho confiança, por outro lado, nos quatro olhos dum pai e dum filha, movidos pela ambição de fazerem uma coisa sobre a qual nenhum assistente e nenhum chefe de equipe encontrará o que dizer”. O livro dos Chaunu é a resposta dos jovens. A equipe não é necessariamente um grupo administrativo sem grande coesão trabalhando em proveito e pela glória de um diretor gentilmente “negreiro” (1) e que se arrisca sempre em perder contacto com os documentos. É talvez a equipe familiar, e ninguém se queixará, sem dúvida, de que os organismos de pesquisa científica “pagam para exercer um trabalho de história”, aquilo que chocou Luigi Einaudi, cuidadoso em restringir as despesas ao Estado exaltando um desinteresse tornado bem difícil. E essa equipe sabe servir-se de processos modernos de reprodução ou de cálculo. É tocante ver, nos agradecimentos de Pierre Chaunu, a gratidão que êle demonstra pela cessão de filmes e pelo empréstimo duma máquina de calcular. A que Lucien Febvre responde, dizendo que era apenas dinheiro “bem empregado”. “Ver-se-á nos últimos volumes, estudando os interessantes gráficos que já se acumulam na nossa sala de cartografia, admirando as cartas dum Atlas muitíssimo original, o que pode produzir a colaboração metódica, atenta e sábia dos autores e dum inventor de cartas e de quadros estatísticos da envergadura de um Bertin. Seríamos traidores à História se tivéssemos feito tudo, queremos dizer o pouco que estava em nós poder fazer, para permitir a publicação duma tal obra. Os Chaunu fizeram o resto. Falta acrescentar: isto é “tudo”? Eles seriam felizes, mas ao mesmo tempo êles me queriam assim”.

Vimos que a sua obra deve ter nove volumes. Três apareceram no mês de março. O primeiro é uma “Introdução metodológica”, tratando dos registros, da sua apresentação e do seu mecanismo, da crítica das contestáveis declarações de mercadorias, de peças de identidade de navio, de registros anexos (de Cádiz, das Canárias e dos negreiros), de papéis de contas e de séries de correspondência

(1). — Ser negro na gíria literária de Paris era trabalhar em uma obra que seria assinada por outrem (Nota do tradutor E. Simões de Paula).

da *Casa de Contratación*. A última parte do volume explica os quadros que enchem os tomos II e III, já publicados, e IV, V, VI e VII a aparecer mui próximamente, e onde se encontrará a representação estatística de 1561 a 1650. Esses quadros contém, em colunas, a indicação: do navio, do comandante, do proprietário, da natureza do barco, da sua equipagem, de sua idade, de sua direção. Notas abundantes completam esses dados. Os dois últimos volumes (VIII-1 e VIII-2) interpretarão os dados assim reunidos, com as cartas e os diagramas de que falava Lucien Febvre, e isso será uma verdadeira história do Atlântico, ou pelo menos de sua estrutura, “das mais rígidas... às mais flexíveis: estruturas geográficas, cuja rigidez é quase geológica, estruturas técnicas (técnicas do mar e das trocas), estado e instituições enfim, donde se insistiu sobretudo em medir a ação sobre o econômico”. Tudo isso sem jamais esquecer Sevilha, mas com o primordial cuidado do ritmo da conjuntura através dessa centena de anos. E já Pierre Chaunu nos diz como lhe pareceu, apontando um fato decisivo sobre a clássica questão dos ritmos longos ou breves da economia européia: “Quatro grandes articulações interdecenais: a prosperidade do século XVI é cortada por meio dum refluxo breve mais possante, 15 flutuações (em grosso, decenais) que se articulam elas próprias em 31 flutuações mais curtas, de quatro a cinco anos mais ou menos”.

Os volumes que temos entre as mãos são bem mais do que uma promessa: eles são um método e desenharam já um aspecto novo da sempre jovem História.

EMILE G. LÉONARD

*

GUIMARÃES (Argeu). — *Cafarnaum*, col. Rex, Organização Simões ed. Rio de Janeiro, 1956, 725 pp.

Argeu Guimarães — que já publicou um importante *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro* (1938) e um interessante livro sobre Silvio Romero (col. Rex, *Presença de Silvio Romero*, 1956) — continua neste *cafarnaum*, as suas notas, um espécie de memórias de suas viagens e andanças na vida diplomática. Como Gurgel do Amaral no seu *Meu Velho Itamarati*, dá-nos o Autor, neste livrinho de leitura agradável e proveitosa, uma série de informações interessantes, ligadas à nossa história diplomática, que ainda está para ser feita. Por certo, o *Instituto Rio Branco* há de publicar, um dia, uma contribuição que ainda está faltando, como é a de uma história da nossa diplomacia. No livro de Argeu Guimarães aparece uma figura das mais simpáticas que ainda chegamos a conhecer, a de Sousa Dantas, talvez um dos últimos representantes de um *estilo* diplomático que já começa a desaparecer ou que já desapareceu. Para o estudioso da nossa *pequena* história, o livro de Argeu Guimarães, como dizíamos, é de leitura proveitosa e, ao mesmo tempo, agradável.

J. CRUZ COSTA